

**Ciência Jovem, mais que um evento:  
uma estratégia pedagógica para estimular a  
experimentação e a pesquisa na escola**

*Ciência Jovem, more than an event: a pedagogical strategy  
to stimulate experimentation and research at school*

---

Fabiana Coelho de Souza Leão

ORCID: [0009-0006-9238-0128](https://orcid.org/0009-0006-9238-0128)

Antonio Carlos Pavão

ORCID: [0000-0002-3801-1835](https://orcid.org/0000-0002-3801-1835)

## Resumo

Este artigo é baseado na experiência da feira Ciência Jovem e busca refletir sobre o conceito de feira de Ciência. Partimos da perspectiva lançada por José Reis, que, em 1965, considerou a feira de Ciência como uma “revolução pedagógica”. Para que essa perspectiva se torne efetiva, é necessário criar raízes nas escolas, fomentando uma educação científica focada na experimentação e na pesquisa. A Ciência Jovem, realizada há 29 anos pelo Espaço Ciência – Museu Interativo de Ciência de Pernambuco –, é um exemplo de como uma feira de Ciência pode ir além do evento anual e se inserir no contexto escolar: desde formações de professores e fomento à realização de feiras escolares e municipais até cláusulas no regulamento, que estimulam a pesquisa continuada na escola. Neste trabalho, apresentamos um relato de experiência para repensar as feiras de Ciência como iniciativas que excedem os eventos e se configuram como sementes de uma transformação pedagógica. É fundamental que tais iniciativas sejam encaradas como oportunidades de incentivar a curiosidade e a criatividade dos alunos, estimulando-os a serem protagonistas de sua aprendizagem e da construção de instrumentos para a transformação social.

**Palavras-chave:** Feira de Ciência. Educação científica. Ciência Jovem. Espaço Ciência.

## **Abstract**

*This article is based on the experience of Ciência Jovem fair and aims to reflect on the concept of Science fair. We start from the perspective launched by José Reis, who, in 1965, considered the Science fair as a “pedagogical revolution”. To make this perspective effective, it is necessary to go beyond the annual event and create roots in schools, promoting a scientific education focused on experimentation and research. Ciência Jovem, held for 29 years by Espaço Ciência – Interactive Science Museum of Pernambuco –, is an example of how a Science fair can go beyond the annual event and be inserted into the school context: from teacher training and promotion of school and municipal fairs to clauses in the regulations that stimulate ongoing research in schools. In this work, we present an experience report to rethink Science fairs as initiatives that go beyond the annual events and constitute seeds of a pedagogical transformation. It is essential that these initiatives are seen as an opportunity to encourage students’ curiosity and creativity, stimulating them to be protagonists of their own learning and the construction of instruments for social transformation.*

**Keywords:** Science fair. Science education. Ciência Jovem. Espaço Ciência.

## 1. Introdução

Entre os anos de 1964/ 1965, o médico, professor e divulgador científico José Reis partiu do êxito observado em feiras e clubes de Ciência, que se espalhavam pelo interior paulista, para publicar um artigo que permanece atual. Na época, São Paulo vivia uma atividade intensa de proliferação dessas iniciativas, o que levou Reis a afirmar que, se esse movimento se estendesse aos demais estados, haveria bons prognósticos para o futuro:

Não apenas pelo número como também pelos testemunhos de inteligência criadora, o movimento prova que o potencial humano brasileiro é de primeira ordem, mas, a exemplo das árvores que não frutificam em terreno sáfaro, assim os moços nada poderão dar de futuro se nada receberem no presente (Reis, 2018, p. 134).

Em Pernambuco, esse movimento surgiu muitas décadas depois, com o incentivo do Espaço Ciência – Museu Interativo de Ciência de Pernambuco –, e suas várias iniciativas para estimular um ensino de Ciências voltado à experimentação e à pesquisa. A Ciência Jovem, por exemplo, tem a mesma idade que o museu e, ao longo dessa trajetória de 29 anos, deixou de ser uma pequena feira, com 30 escolas do estado, para ter alcance nacional e internacional, com cerca de 500 participantes de todos os estados brasileiros, bem como integrantes de outros países.

Contudo, mais do que a realização da feira, importa salientar o trabalho intenso de articulação e formação que o projeto da Ciência Jovem desempenha durante todo o ano. Esse processo conseguiu alavancar uma rede de feiras escolares e municipais, realizadas no estado ao longo desses anos, de tal forma que, atualmente, Pernambuco promove mais de 80 feiras.

O ensino de Ciências é uma das áreas mais importantes da educação. Por meio dele, os estudantes têm a oportunidade de aprender sobre o mundo natural e de compreender como ele funciona. No entanto, As Ciências não raro são ensinadas de maneira teórica, com pouca ênfase na experimentação e na pesquisa.

Nossos métodos de ensino, por muito tempo, afugentaram o estudante. Assim foi também em muitos outros países, onde em tempos idos a ciência era ensinada apenas pelo livro, consoante a técnica da “jarra e da bacia”, em que o estudante é a bacia e o mestre a jarra que despeja naquela a água de seus conhecimentos, sem imaginar que a bacia reaja (Reis, 2018, p. 137).



**Figura 1:** 28ª feira Ciência Jovem.  
**Fonte:** Espaço Ciência (2022).

Desde a década de 1970, com o advento das teorias construtivistas, vários educadores e/ou cientistas têm alertado para a importância da “[...] aplicação na escola, para aquisição ativa de conhecimentos, dos mesmos métodos (observação, pesquisa e experiência) que segue o espírito maduro nas investigações científicas” (Azevedo *et al.*, 2006). No Brasil, por exemplo, além de José Reis, é possível citar Carlos Chagas Filho (autor da máxima é porque se pesquisa que se ensina), Ernest Hamburger, Dietrich Schiel e Leopoldo de Meis como exemplos de cientistas que desenvolveram iniciativas em educação e divulgação científica. É o que observam e acrescentam Antonio Carlos Pavão e Maria Edith Costa Lima, em seu artigo “Feiras de Ciência, a revolução científica na escola”, onde lemos o seguinte:

Essas vertentes partilham algumas características e atualmente convivem no panorama do ensino de ciências. Todas apostam na iniciativa do professor para a promoção de atividades de investigação científica e daí destacam a necessidade de formação continuada de professores, devotando assim grande esforço nesses programas de formação. Dessa forma, apresentam resultados positivos, porém localizados, já que nenhuma dessas metodologias ganhou escala ou ofereceu garantias de continuidade das atividades de investigação científica na escola (Pavão; Lima, 2019, p. 5).

Além da ausência de políticas públicas, Pavão e Lima destacam, como um dos entraves a um ensino ativo e investigativo, a necessidade dos professores de *darem conta do programa*. Ou seja, o impasse existente entre quantidade e qualidade do conteúdo – que acaba impondo um ensino superficial e meramente informativo.

A escola, como tem se organizado atualmente, fragmenta seu tempo em disciplinas de conhecimentos desarticulados. [...] A Feira de Ciência favorece o desenvolvimento de projetos interdisciplinares, com leitura da realidade, contextualização, apropriação de conceitos em diferentes áreas do conhecimento, cálculos, pesquisa e produção textual, desenvolvimento de habilidades e atitudes” (Pavão; Lima, 2019, p. 6-7).

O fato é que, quase meio século após a publicação do artigo de José Reis, e a despeito da importância das feiras de Ciência, conforme relatado por diversos educadores ao longo dos anos, o Brasil pouco avançou em relação às políticas públicas que garantiriam a revolução pedagógica almejada pelo grande mestre. Exceto os editais lançados pelo CNPq, não existem leis que garantam a realização de feiras de Ciência pelas escolas, estados e municípios, de forma integrada e abrangendo todo o território nacional. Em Pernambuco, a multiplicação das feiras de Ciência, sobretudo no sertão do estado, são iniciativas de educadores locais, com apoio e estímulo do Espaço Ciência e



**Figura 2:** 28ª feira Ciência Jovem.

**Fonte:** Espaço Ciência (2022).

da proposta de *ensinar Ciências fazendo ciência*, conceito propagado por Antonio Carlos Pavão, fundador e ex-diretor do Museu.

A ausência de políticas públicas permanentes ameaça a continuidade desse trabalho. Em alguns municípios pernambucanos, existem leis que garantem a realização anual da Semana de Ciência e Tecnologia. No entanto, a legislação que regula a promoção de feiras de Ciência é praticamente inexistente e, dos pontos de vista estadual e nacional, não há uma regulamentação que promova uma rede integrada de feiras de Ciência, partindo das escolas e se estendendo ao nível nacional. Com isso, as iniciativas ficam sujeitas à descontinuidade em cada mudança de gestão, de forma que os esperançosos prognósticos, lançados por José Reis há quase 50 anos, permanecem no campo do desejo.

Este artigo propõe analisar e descrever a experiência da Ciência Jovem, feira de Ciência pernambucana, ao longo de seus mais de 30 anos, a partir de sua concepção política e das estratégias utilizadas para que ela aconteça. Em tempos de mudança de gestão, este registro é fundamental para que não se percam as bases que fazem da Ciência Jovem mais que um evento anual.

## 2. Metodologia

Trata-se de um relato da experiência que analisa algumas estratégias utilizadas pelos organizadores da feira para garantir que ela não seja apenas um evento, mas para que sirva como fomento à realização de pesquisas nas escolas; para articular uma rede de feiras de Ciência nas escolas, municípios, estados e países e, finalmente, para repensar as estratégias de educação científica utilizadas em nossas instituições de ensino.

### 2.1 A Ciência Jovem

[...] Em 2015 tivemos a oportunidade de estar na 21ª Ciência Jovem, onde conheci pessoas que nunca imaginei conhecer, com um avançado nível de conhecimento... Hora ou outra eu me perguntava: – O que eu estou fazendo aqui? E essa resposta era dada quando chegava um grupo de alunos e nosso projeto era explicado e, ao final, éramos agraciados com palmas e parabéns que não tinham preço.

Após voltarmos de viagem, nunca mais enxerguei a vida da mesma forma. Comecei a me envolver em projetos e decidi que, na minha vida, essa é a área que eu irei seguir porque ela mudou a minha vida e eu quero mudar a vida de mais pessoas. Quero acreditar nos jovens em quem muitos só veem defeitos, pois foi isso que fizeram comigo: acreditaram em mim quando ninguém acreditou e aqui estou! [...]

Quero que essa vontade de criar projetos se torne hábito em todos os alunos e professores, pois creio que, com esse tipo de metodologia, podemos alavancar o nível de ensino do nosso país (Rocha Jr., 2017).

O depoimento é do estudante Francisco Hélio de Castro Rocha Júnior, do Sesi Araripina, sertão de Pernambuco. Em seu texto, que foi publicado no site do Espaço Ciência, em 2017, ele cita, ainda, a importância dos educadores que o estimularam a desenvolver projetos de pesquisa em sua escola. É nas salas de aula ou nos pátios das instituições de ensino que as sementes das feiras de Ciência e do interesse pela pesquisa são plantadas. Por isso, nessas três décadas de existência, a Ciência Jovem tem se constituído não apenas como um evento anual, mas como promotora da articulação com as escolas e a formação de educadores.

A fala de Francisco reforça cada uma das descrições publicadas no artigo de José Reis: a oportunidade de revelar talentos, o empenho em resolver desafios e problemas da realidade local, a reintegração com a comunidade, o interesse pelas descobertas... Tanto para estudantes quanto para educadores.

Os mestres recebem dos alunos um desafio tão grande como o que os próprios jovens encontram ao enfrentar os problemas que procuram resolver. E muita relação professor-aluno se aperfeiçoa, enquanto alunos que pareciam vadios revelam insuspeitadas capacidades, e mestres que pareciam ausentes começam a viver os problemas dos estudantes. Várias rodas que funcionavam mal na grande engrenagem do ensino põem-se a girar mais depressa (Reis, 2018).

O Espaço Ciência é um museu interativo de Ciência localizado em Olinda, Pernambuco. Fundado em 1995, ele se dedica a disseminar a cultura científica e tecnológica para a sociedade, especialmente para os jovens – não por acaso, a Ciência Jovem, feira de Ciência promovida pelo museu, tem a mesma idade que ele. Desde a fundação, o Espaço Ciência acredita no potencial dessas iniciativas para a promoção da educação e, sobretudo, para que o conhecimento científico seja acessível a todos.

A primeira edição da Ciência Jovem aconteceu em 1995, primeiro ano de Antonio Carlos Pavão à frente da gestão do Espaço Ciência. Na época, participaram da feira 30 escolas, todas pernambucanas. Em sua sétima edição, já eram quase 100 instituições de ensino, embora o alcance permanecesse restrito ao estado. A partir da décima edição, a Ciência Jovem



**Figuras 3 e 4:** 20ª e 22ª edições da feira Ciência Jovem.

**Fonte:** Espaço Ciência (2015; 2017).

passou a receber projetos de outros estados e hoje conta com a participação de quase todos os estados brasileiros, além de outros países, sobretudo da América Latina, como Paraguai, México, Chile, Colômbia, Argentina e Porto Rico.

É importante que alguns pontos sejam ressaltados no modelo de organização da Ciência Jovem. Tais aspectos serão analisados neste artigo como estratégias exitosas para que a feira de Ciência ultrapasse seu caráter de evento e se torne, como descreveu José Reis, um instrumento de revolução pedagógica, estimulando um ensino experimental nas escolas e a curiosidade científica entre crianças e jovens. Convém, portanto, considerar o seguinte:

1. os esforços da equipe para garantir a participação dos estudantes da rede pública, que respondem por 70% dos projetos apresentados na feira pernambucana;
2. o estímulo à realização de projetos durante todo o ano, em um processo que se inicia nas salas de aula, passa pelas feiras de Ciência das escolas e tem sua culminância em feiras nacionais e internacionais;
3. a necessidade de repensar e refletir sobre práticas pedagógicas inovadoras, que estimulem o modelo de *ensinar Ciências fazendo ciência*;
4. a importância de incentivar o interesse pela pesquisa científica desde a educação infantil.

### 3. Resultados e discussão

A discussão sobre os processos de inclusão, com pleno acesso de todos e todas a uma educação pública de qualidade; a importância de uma escola que invista na experimentação e pesquisa – acreditando em seus estudantes como protagonistas de projetos científicos –; a necessidade de formação dos educadores e de reconhecer a potencialidade dos alunos, desde os anos iniciais de ensino... Nada disso é conceito novo. Já em 1932, no “Manifesto dos pioneiros da Educação Nova”, que incluía pensadores como Anísio Teixeira, Júlio de Mesquita Filho, Cecília Meireles e outros, tais ideias estavam presentes. Dizia o manifesto: “A escola que tem sido um aparelho formal e rígido, sem diferenciação regional, inteiramente desintegrado em relação ao meio social, passará a ser um organismo vivo, com uma estrutura social, organizada à maneira de uma comunidade palpitante pelas soluções de seus problemas” (Azevedo et al., 2006).

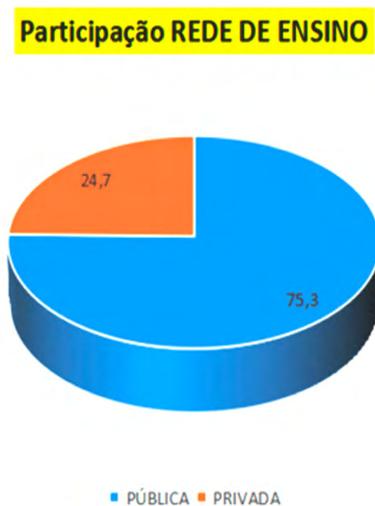
Muito se avançou, em termos de acesso à educação, desde que o manifesto proclamou a necessidade de um ensino público, gratuito, universal, sob responsabilidade obrigatória do Estado:

do direito de cada indivíduo à sua educação integral, decorre logicamente para o Estado que o reconhece e o proclama, o dever de considerar a educação, na variedade de seus graus e manifestações, como uma função social e eminentemente pública, que ele é chamado a realizar, com a cooperação de todas as instituições sociais” (Azevedo et al., 2006).

No entanto, ainda falta muito para que a escola pública seja, efetivamente, um espaço que desperta o entusiasmo, a curiosidade e o interesse das crianças e jovens do Brasil para o conhecimento científico. E as feiras de Ciência, se bem conduzidas e alicerçadas em projetos que incentivam o ensino experimental nas instituições públicas, podem ser uma ferramenta para isso. A isso se propõe a Ciência Jovem, em seus quase 30 anos de existência.

### 3.1 A participação da rede pública

Para garantir a participação dos estudantes da rede pública, a Ciência Jovem não cobra quaisquer taxas de inscrição. Pelo contrário: sempre que consegue aprovar projetos em editais do CNPq, inclui, no orçamento, uma ajuda de custo para garantir a presença de, pelo menos, um projeto de escola pública em cada estado fora de Pernambuco. Também são incluídos no edital premiações com bolsas de Iniciação Científica e apoio para participação dos premiados em feiras nacionais ou internacionais.

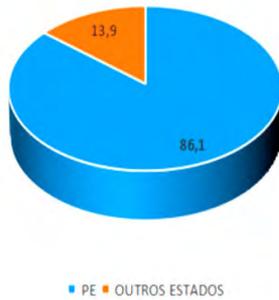
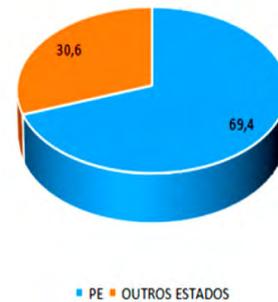


**Gráfico 1:** 75,3% dos participantes da Ciência Jovem em 2022 eram oriundos da rede pública.

Tais estratégias contribuem para que o perfil da Ciência Jovem seja marcado pela presença maciça de estudantes das instituições públicas de ensino. Em 2022, por exemplo, conforme se verifica no gráfico, eles constituíram mais de 75% dos seus participantes.

A parceria com a Secretaria Estadual de Educação, bem como com diversas secretarias municipais, também é determinante para conferir esse perfil à Ciência Jovem, que, embora conte

com a presença de praticamente todos os estados brasileiros e de projetos em outros países, permanece com uma maioria de projetos pernambucanos, que respondem por mais de 65% dos participantes. Essa diferença cresce ao considerarmos que mais de 85% dos projetos participantes da rede pública de ensino são de Pernambuco, o que evidencia a dificuldade dos alunos das escolas públicas de outros estados em participar de feiras nacionais e internacionais, assim como a importância da ajuda de custo e das políticas públicas de apoio a tal participação. Os gráficos adiante referem-se à presença majoritária dos projetos de Pernambuco entre os participantes da feira Ciência Jovem.

**Participação ESCOLAS PÚBLICAS****Participação ESCOLAS PRIVADAS**

**Gráficos 2 e 3:** A participação da rede pública é maior entre escolas de Pernambuco.

Além do engajamento dos estudantes e educadores na feira, a Ciência Jovem também se preocupa em garantir a relação entre os projetos nela apresentados e o cotidiano escolar. Para isso, incentiva o desenvolvimento de projetos de pesquisa durante o ano letivo, de forma integrada ao currículo pedagógico. Uma das estratégias previstas no regulamento são as pré-inscrições, abertas no primeiro semestre do ano letivo. Por meio delas, os grupos planejam e esboçam a pesquisa que será desenvolvida ao longo do período. O projeto, elaborado na escola, poderá ser apresentado em feiras escolares ou municipais, culminando na Ciência Jovem ou, caso seja premiado, em outras oportunidades, nacionais e internacionais. Os projetos pré-inscritos garantem um ponto a mais no resultado final da avaliação. Em 2022, por exemplo, 124 projetos efetuaram a pré-inscrição.

### 3.2. Ensinar Ciências fazendo ciência

[...] a “continuação ininterrupta de esforços criadores” deve levar à formação da personalidade integral do aluno e ao desenvolvimento de sua faculdade produtora e de seu poder criador, pela aplicação, na escola, para a aquisição ativa de conhecimentos, dos mesmos métodos (observação, pesquisa e experiência), que segue o espírito maduro, nas investigações científicas [...] (Azevedo *et al.*, 2006).

O conceito de *ensinar Ciências fazendo ciência*, que embasa a Ciência Jovem, já vem sendo abordado desde o século passado, por educadores e cientistas do mundo inteiro, seja no “Manifesto dos pioneiros da Educação Nova”, de 1932, citado anteriormente, ou em artigos, estudos e pesquisas diversas. O conceito, conhecido, no Brasil, como “metodologia mão na massa”, foi introduzido na década de 1990, em Chicago, Estados Unidos, pela ação do prêmio Nobel de Física Leon Lederman. Em 1995, Georges Charpak, outro vencedor do Nobel, implantou a proposta na França, onde passou a ser conhecida como “*la main à la pâte*”. A proposta é que os estudantes sejam protagonistas em um processo que envolve a formulação de perguntas baseadas na realidade e na investigação científica do problema apresentado – com observação, experimentação, pesquisa e análise.

No Brasil, Carlos Chagas Filho, na entrada do seu laboratório, escrevera: “Aqui se ensina porque se pesquisa”. Diversas iniciativas buscam contemplar as bases desse ensino investigativo, em que alunos e professores são parceiros ativos de pesquisas e experimentações científicas. Um exemplo foi o projeto Jovens Talentos da Educação, idealizado pelo professor Leopoldo de Meis em 1985, que articulou uma rede nacional que contou com a participação de 23 instituições de ensino e pesquisa distribuídas em 11 estados da Federação e teve como objetivo buscar novos caminhos para um ensino eficiente, dinâmico e atraente.

Enfim, não faltam estudos e autores que abordam a importância de um ensino em que os estudantes sejam protagonistas e descubram o conhecimento científico a partir da prática, da pesquisa e da experimentação. No entanto, apesar das diversas experiências inovadoras que demonstram a eficácia de projetos desse tipo, o Brasil ainda carece de políticas públicas que tornem essas práticas efetivas e universais.

Na realização da Ciência Jovem, duas estratégias são utilizadas para fomentar a realização de pesquisa continuada na escola e o ensino experimental e investigativo: a formação de professores e a realização de feiras de Ciência nas escolas, como parte integrada à agenda pedagógica. Desde a criação do Espaço Ciência e a partir da primeira edição da Ciência Jovem, a preocupação com a formação dos educadores e o estímulo à pesquisa nas escolas estão presentes. Um exemplo disso foi o projeto Centros de Referência em Ciências. Desenvolvido em 1995, ele equipou dezenas de escolas, em cidades do interior do estado de Pernambuco, com laboratórios e kits de experimentos, além de ter garantido treinamento para centenas de professores.

Em 2019, o Espaço Ciência iniciou o projeto Feiras de Ciência em Toda Parte, com realização de seminários de formação em 11 municípios e fomento às feiras de Ciência. Mesmo com a pandemia de Covid-19, esse trabalho teve continuidade com formações promovidas por meios digitais. Em 2022, com a retomada das feiras presenciais, foram cinco formações para 260 professores das Gerências Regionais de Ensino da Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco.

### 3.3. Feiras de Ciência em Toda Parte

Anualmente, o processo de organização da Ciência Jovem tem como primeira etapa a abertura do período de afiliação de feiras. É quando encontros de todo o Brasil e de outros países registram-se junto à feira pernambucana e garantem, dessa forma, a participação de, pelo menos, um projeto, dependendo do alcance próprio a cada âmbito: feiras escolares indicam um projeto; municipais



**Figura 5:** Feira municipal Ciência Jovem Timbaúba

**Fonte:** Espaço Ciência (2019).

indicam dois, de escolas diferentes e, por fim, feiras regionais, estaduais ou nacionais/ internacionais indicam três, de instituições diversas. Em 2022, 122 feiras de Ciência, de 22 estados brasileiros, além de México, Argentina, Porto Rico e Paraguai, se filiaram à 28ª Ciência Jovem. Destas, mais de 80 eram feiras pernambucanas, o que reflete o trabalho desenvolvido ao longo dos anos para fomentar os eventos desse tipo no estado. São cerca de 30 feiras com alcance municipal, oito com alcance regional, além de outras dezenas de feiras escolares, inclusive várias que não constam nas estatísticas. O trabalho de formação de educadores e a parceria com as secretarias estadual e municipais de Educação foram essenciais para o êxito desse trabalho. Muitos educadores de escola, que iniciaram desenvolvendo projetos com seus estudantes e participando de seminários, hoje são organizadores de feiras, com destaque para os municípios do sertão pernambucano. Confira, no gráfico 4, a distribuição regional dos municípios onde existem feiras de Ciência registradas junto à organização da Ciência Jovem.

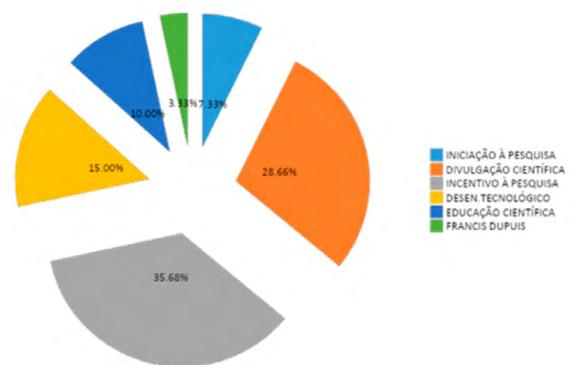


**Gráfico 4:** Distribuição dos municípios pernambucanos que realizam feiras de Ciência.

O reconhecimento do papel dos educadores no processo de consolidação das redes de feiras de Ciência e do ensino experimental nas escolas está expresso na existência da categoria Educação Científica, da Ciência Jovem. Nessa categoria, professores e/ou gestores compartilham experiências sobre práticas exitosas em sala de aula. As apresentações desses trabalhos, que, inicialmente, eram feitas por meio de banners e exposições individuais, passaram, nos últimos anos, a ser feitas de forma dialogada. São mesas temáticas, divididas de acordo com a temática dos projetos, que possibilitam que os educadores conheçam as experiências de colegas de diferentes regiões, estados e países.

### 3.4. Pequenos cientistas

O último ponto que deve ser ressaltado como estratégia política da Ciência Jovem é a necessidade de estimular o gosto pela investigação científica desde cedo. Esse conceito está expresso na existência da categoria Iniciação à Pesquisa, que inclui trabalhos produzidos pelas crianças da educação infantil e do ensino fundamental 1. Na última edição da feira sobre a qual nos debruçamos neste artigo, a de 2022,



**Gráfico 6:** Distribuição dos projetos da Ciência Jovem/2022 entre as categorias.

foram 34 projetos da referida categoria. O gráfico 6 demonstra a distribuição dos trabalhos entre as seis categorias que compõem a feira: Iniciação à Pesquisa (educação infantil/ ensino fundamental I); Divulgação Científica (ensino fundamental II); Incentivo à Pesquisa (ensino médio); Desenvolvimento Tecnológico (ensino médio, com confecção de um produto); Francis Dupuis (projetos internacionais) e Educação Científica (educadores).

Tal gráfico ainda revela um predomínio de trabalhos na categoria Incentivo à Pesquisa, de estudantes do ensino médio, seguida de perto pela categoria Divulgação Científica, do ensino fundamental II. Embora o percentual de trabalhos na categoria de Iniciação Científica ainda esteja abaixo dos 10%, percebe-se que a categoria seguinte, equivalente à participação de alunos do ensino fundamental II, vem ampliando significativamente o número de trabalhos na Ciência Jovem, o que pode significar que os esforços em estimular a curiosidade científica entre as crianças estão dando frutos. Em 2018, por exemplo, foram 80 trabalhos nesta categoria; em 2022, este número subiu para 124.

#### 4. Conclusão

Em seus 29 anos de existência, a Ciência Jovem se consolidou como uma das maiores feiras de Ciência do país. Contudo, mais do que isso, ela conseguiu alavancar uma rede de feiras articuladas e integradas no estado de Pernambuco. A ideia de que as feiras são parte de um processo de fomento ao ensino experimental, focado em pesquisa nas escolas, é a base de sua concepção. Isso foi obtido com um projeto que envolve formação de professores, estímulo e apoio para a realização de feiras escolares e municipais, além de estratégias previstas em seu regulamento, para incentivar a pesquisa como parte do cotidiano escolar.

Os esforços da equipe de organização, para garantir ampla participação da rede pública, possibilitam que estudantes e educadores dessas instituições constituam mais de 70% dos participantes da Ciência Jovem. Para isso, há que se destacar a forte articulação com as secretarias estadual e municipais de Educação, além da utilização de parte do orçamento garantido em editais para ajuda de custo a, pelo menos, uma



**Figura 6:** Iniciação à Pesquisa na 28ª Ciência Jovem.

**Fonte:** Espaço Ciência (2022).



**Figura 7:** A visitação intensa na Ciência Jovem empolga participantes.

**Fonte:** Espaço Ciência (2019).

equipe de escola pública de outros estados, para participação na ocasião. A integração com as feiras afiliadas garante, ainda, que os projetos premiados deem continuidade ao processo em rede, pela participação em outros eventos nacionais e internacionais.

A proposta é que, ao longo do ano letivo, a pesquisa seja fomentada e realizada em todos os níveis de ensino, desde a educação infantil. A feira escolar seria o pontapé inicial no

processo de culminância e exposição dos trabalhos – que teria continuidade com a apresentação em feiras municipais, regionais, nacionais e internacionais. Os depoimentos e a observação dos trabalhos apresentados revelam que a pesquisa e a exposição dos resultados garantem uma apropriação eficaz dos conteúdos, por parte dos envolvidos.

O sucesso das estratégias adotadas pela Ciência Jovem para garantir sua concepção política, para além de seu caráter eventual, pode ser percebida a partir de alguns fatores: ampliação no número de feiras escolares e municipais no estado; aumento progressivo no número de inscritos; desenvolvimento de uma rede de educadores parceiros, com reconhecimento em todo país; participação ampla e efetiva da rede pública de ensino, além de depoimentos de estudantes e professores.

No entanto, as metas obtidas contrastam com a fragilidade desses resultados em cada mudança de gestão. Sem a garantia de políticas públicas, as estratégias adotadas, bem como a concepção que embasa a realização da Ciência Jovem, ficam reféns das trocas de governo. Este trabalho, portanto, para além de registrar o modelo de realização de feira Ciência Jovem – para que não se perca com as eventuais mudanças de gestão –, tem como finalidade reforçar a importância de se buscar essas concepções e estratégias como políticas permanentes, seja nos governos estaduais, seja em nível federal.

## Referências

AZEVEDO, F. *et al.* Manifesto dos pioneiros da Educação Nova (1932). *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. especial, p. 188-204, 2006. Disponível em: [https://www.histedbr.fe.unicamp.br/pf-histedbr/manifesto\\_1932.pdf](https://www.histedbr.fe.unicamp.br/pf-histedbr/manifesto_1932.pdf). Acesso em: 5 jun. 2024.

ESPAÇO CIÊNCIA. *Ciência Jovem*. Pernambuco: Espaço Ciência, 2015. (Arquivo cedido pela instituição)



**Figura 8:** 25ª Ciência Jovem.

**Fonte:** Espaço Ciência (2019).

ESPAÇO CIÊNCIA. *Ciência Jovem*. Pernambuco: Espaço Ciência, 2017. (Arquivo cedido pela instituição)

ESPAÇO CIÊNCIA. *Ciência Jovem*. Pernambuco: Espaço Ciência, 2019. (Arquivo cedido pela instituição)

ESPAÇO CIÊNCIA. *Ciência Jovem*. Pernambuco: Espaço Ciência, 2022. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/?atividade=ciencia-jovem>. Acesso em 20 abr. 2023.

PAVÃO, A, C.; LIMA, M. E. C. Feiras de ciência, a revolução científica na escola. *In: Revista Brasileira de Pós-Graduação*, [S. l.], v. 15, n. 34, p. 1-11, 2019. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/1612>. Acesso em: 5 jun. 2024.

REIS, J. Feiras de Ciência: uma revolução pedagógica. *In: Reflexões sobre a divulgação científica*. Rio de Janeiro: Fiocruz/ COC, 2018.

ROCHA Jr. O valor da Ciência Jovem. *In: ESPAÇO CIÊNCIA*. Pernambuco: Espaço Ciência, 4 out. 2017. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/?p=11471>. Acesso em: 28 mar. 2023.

## Sobre os autores

### Fabiana Coelho de Souza Leão

Fabiana Coelho é jornalista e escritora. Foi assessora de Comunicação do Espaço Ciência, Museu Interativo de Ciência de Pernambuco. Atualmente, é jornalista autônoma e presta serviços de produção de conteúdo para várias iniciativas de divulgação científica e artística. Possui mestrado em Teoria da Literatura pela UFPE e suas áreas de atuação são Comunicação, com ênfase em divulgação científica, Arte e Educação. É escritora, com três livros publicados: “Encruzilhadas, encontros e oposições nos cordéis de Manoel Pereira Sobrinho”; “O Menino Balão” (literatura infantil); e “Tecelagem”.

email: [fcoelho654@gmail.com](mailto:fcoelho654@gmail.com)

### Antonio Carlos Pavão

Professor titular no Departamento de Química Fundamental UFPE (Universidade Federal de Pernambuco). Doutor pelo IQUSP; especializado em química quântica computacional; publicou dezenas de artigos e recebeu diversos prêmios e homenagens. Foi diretor do Espaço Ciência, onde coordenou Olimpíadas de Química, SNCT, Ciência Móvel e Ciência Jovem.

email: [antonio.pavao@ufpe.br](mailto:antonio.pavao@ufpe.br)